



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 13 | Nº. 24 | Jan./Jun. de 2021.

Raimundo Freitas Aragão

Universidade Federal do Ceará / UFC.

ararageo2007@yahoo.com.br

Marcos da Silva Rocha

Universidade Federal do Ceará / UFC.

marcoss.rocha@hotmail.com

O TRIUNFO SERTANEJO DE UM SÍMBOLO: o “Arco do Triunfo” em Sobral/CE como centralidade simbólica.

RESUMO

As diferentes territorialidades construídas sobre o Arco Nossa Senhora de Fátima e seu entorno nos permitem demonstrar como elas estão sendo estrategicamente incorporadas ao contexto urbano. Mostram como o triunfo de um patrimônio e símbolo religioso católico em estado de estagnação passa a comandar, a partir do reordenamento urbano potencializado pelo tombamento do Centro Histórico da cidade, o ressurgimento de um patrimônio reapropriado e reinterpretado para comandar o triunfo de uma centralidade simbólica. No contexto teórico e metodológico busca-se compreender as diferentes territorializações, ou seja, as apropriações distintas desse patrimônio e seu entorno pelos múltiplos sujeitos religiosos e políticos e suas relações. Para isso, buscamos os significados dessas simbologias urbanas dentro da Geografia como base conceitual principal, porquanto o Arco de Nossa Senhora de Fátima configura-se no espaço urbano da cidade de Sobral como um símbolo religioso e político por excelência.

Palavras-chave: Arco Nossa Senhora de Fátima. Centralidade simbólica. Símbolo. Territorialidade.

THE TRIUMFO SERTANEJO OF A SYMBOL: the “Arc of Triumph” in Sobral/CE as symbolic centrality.

ABSTRACT

The different territorialities built on the Our Lady of Fatima's Arch and its surrounding allow us to demonstrate how they are being strategically incorporated into the urban context. They show how the triumph of a catholic heritage in a state

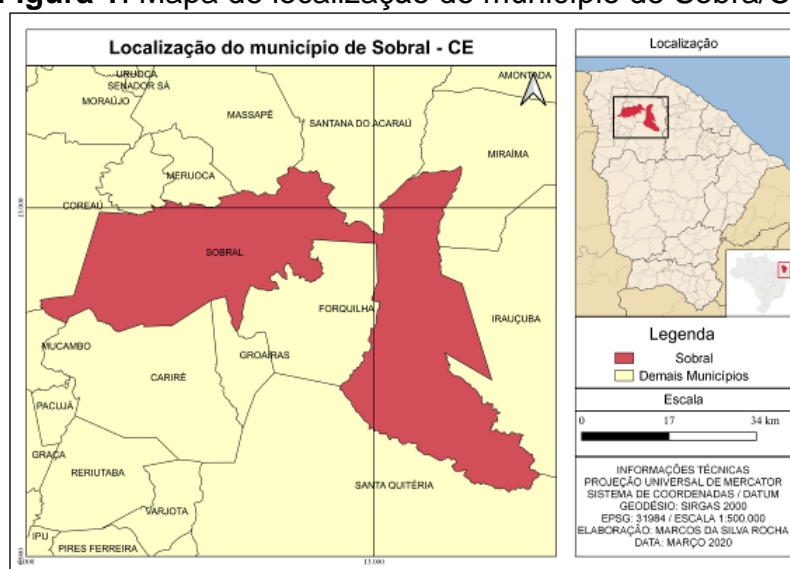
of stagnation begin to command, from the urban reorganization strengthened by the listed historic center of the city, the resurgence of a heritage re-appropriated and reinterpreted to command the triumph of a symbolic centrality. In the theoretical and methodological context, we seek to understand the different territorializations, that is, the distinct appropriations of this heritage and its surrounding by multiple religious and political subjects and their relationships. For this, we seek the meanings of these urban symbols in Geography as the main conceptual basis because Our Lady of Fatima's Arch is configured in the urban space of Sobral city as a religious and political symbol quintessentially.

Keywords: Our Lady of Fatima's Arch. Symbolic centrality. Symbol. Territoriality.

Introdução

Sobral está localizada na região Noroeste do estado do Ceará (Figura 1). Foi fundada em cinco de julho de 1773, aproxima-se de seus 247 anos de existência em 2020. De acordo com o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - sua população, registrada no censo de 2010, foi de 188.233 habitantes, com estimativas de 208.935 para o ano de 2020. (BRASIL, 2020). De médio porte, exerce influência religiosa, política e econômica em sua área de domínio, constituindo-se oficialmente em metrópole regional desde o ano de 2016.

Figura 1: Mapa de localização do município de Sobral/CE.



Fonte: Elaboração dos autores, 2020.

Ao chegar e adentrar à cidade, mesmo que seja pela primeira vez, é praticamente impossível não perceber os traços marcantes e dominantes do catolicismo reinante. A silhueta urbana indicada pelas torres de igrejas centenárias e por monumentos históricos diversos fala por si só. A história, a cultura, a política local não podem ser desvinculadas do ambiente religioso material ou imaterial.

Dentre os diversos componentes que retratam diretamente o contexto histórico, religioso, econômico e político da cidade está o Arco de Nossa Senhora de Fátima ou Arco do Triunfo, um dos monumentos- símbolos que mais caracterizam a cidade, por sua condição de ícone, ou seja, cujas imagens são difundidas nas diferentes mídias, atualmente referência de centralidade simbólica consolidada. Monumento idealizado e construído para comemorar a passagem da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima no ano de 1953, fato histórico marcante não só para a igreja, mas também para

a política e arquitetura urbana regional, a obra vem sendo reatualizada como um dos mais significativos símbolos da região. O monumento vem sofrendo constantes modificações na esfera do simbólico por meio de modelos de administrações públicas e eclesiais as quais se apoiam em sua forte simbologia social.

Em primeiro momento, no contexto historiográfico, o Arco foi territorializado como componente religioso e político quando de sua construção. Depois, em segundo momento, quando de sua decadência, foi recuperado e transformado em patrimônio cultural fundamentado por seu tombamento em escala local. Por último, em atual etapa, o monumento e seu entorno foram apropriados como centralidade simbólica impulsionada pelo tombamento do antigo Centro Histórico, o que proporcionou a requalificação do mesmo e da área de entorno.

O Arco Nossa Senhora de Fátima é um excelente ingresso para o estudo das centralidades simbólicas em Geografia. O trabalho tenta contribuir com essa ciência no sentido de entender como este monumento religioso tem sido investido e territorializado em conjunto pelas esferas públicas e religiosas. Daí oferecer um bom ponto de vista sobre a lógica do que se entende por centralidade simbólica, como ela é construída, que é o objetivo principal do trabalho.

No contexto teórico e metodológico busca-se compreender as diferentes territorializações, ou seja, as diversas apropriações daquele patrimônio e seu entorno pelos diferentes sujeitos religiosos e políticos e suas relações. Para isso, buscamos primeiro compreender a complexidade que envolve o significado histórico e territorial dos arcos, depois os significados do conceito de símbolo e sua perspectiva urbana em Geografia como base conceitual principal e a semiótica dos símbolos urbanos, porquanto o Arco de Nossa Senhora de Fátima configura-se no espaço da cidade de Sobral como um monumento-símbolo por excelência.

O artigo está dividido em seis partes: a primeira compõe essa introdução. A segunda parte versa especificamente sobre a evolução dos Arcos do Triunfo, mostra as razões pelas quais estes monumentos são idealizados e quem os constrói numa escala de entendimento macro, tanto espacial quanto temporal. A Europa Ocidental é o nosso território de exploração espaço-temporal. Na terceira, exploramos os significados de símbolo, dialogando com a perspectiva urbana a partir da visão do geógrafo Jèrôme Monnet. Ele nos orientará a respeito de como essa ciência pensa a sua materialidade e territorialidade no espaço. Na quarta, o Arco Nossa Senhora de Fátima toma seu lugar. Veremos como ele surge, se fixa, evolui e entra em processo de decadência. Na quinta

parte, trazemos o entendimento de centralidade simbólica e explicamos, novamente a partir de Monnet, como ele se aplica nesta nova fase do Arco, após o tombamento do antigo Centro Histórico de Sobral. Na sexta tecemos as considerações finais.

Para se compreender os complexos aspectos dos arcos: a Europa Ocidental como referência histórica e territorial

Os arcos não são edificações concebidas ao acaso, não são puramente gratuitos. São elementos espaciais idealmente elaborados e estrategicamente bem definidos territorialmente. Em sua essência, são monumentos construídos para obedecerem a intencionalidades próprias, esclarece Isabelle Rouge-Ducos (2008). São monumentos postos a traduzir diversas concepções de poder, a exemplos de uma república militarista, uma democracia direta, um segmento religioso, uma monarquia ou mesmo uma tirania, utilizando-se da arquitetura triunfal como força orientadora, segundo os objetivos almejados. A historiadora da Arte faz um levantamento destes monumentos desde suas origens à atualidade, no sentido de demonstrar de que maneira são idealizados, obedecendo a critérios inseridos em momentos históricos e localizações urbano-espaciais e territoriais específicas.

Carvalho (2009; 20210), debruçando-se sobre as utilizações da memória em alguns arcos triunfais romanos a exemplos dos de Tito, Septímio Severo e Constantino, põe em relevo o significado destes intrigantes monumentos-símbolos.

Os arcos não só se caracterizavam como elementos comemorativos das vitórias militares, mas o próprio suporte para o registro dos triunfos que nada mais eram do que procissões festivas de grande visibilidade e proporcionavam o reconhecimento público do exército e de seus generais por ampliarem o domínio e por garantirem a segurança e a tranquilidade do Estado [...] (CARVALHO, 2009, p. 4).

Rouge-Ducos (2008) acrescenta que eles são tanto edifícios consagrados à glória militar, quanto fontes para fins políticos e religiosos da antiguidade até os dias atuais. São símbolos postos a representar regimes políticos e ideologias religiosas diferentes. Cada regime se fixando em seu significado e em suas formas arquitetônicas e artísticas específicas. São os casos dos Arcos do Triunfo da época dos romanos, construídos com o intuito de sacralizar um evento guerreiro, posteriormente um homem e, finalmente, um evento político, portanto, um monumento a serviço do Estado.

Entre os exemplos encontra-se o Arco Triunfal do imperador Constantino, cuja construção foi ordenada pelo Senado Romano com o objetivo de comemorar a Batalha

de Ponte Mílvia, no ano de 312 e inaugurado em 315. Esse Arco foi territorial e estrategicamente construído, marcando a Via Triunfal, isto é, uma rota por onde os grandes generais e imperadores romanos seguiam em busca de seus triunfos. Para Isabelle Rouge-Ducos (2008), o Arco de Constantino foi muito difundido porque permitiu conciliar a arte antiga e a cristã (Figura 2). Ainda mais, em seu aspecto ideológico, foi idealizado “[...] para comemorar os *decennalia* do Imperador, ocasiões em que o poder era reverenciado com a construção de grandes obras públicas em Roma, com a presença do César e, por meio do congíario, este podia vangloriar-se de sua generosidade” (CARVALHO, 2009, p. 27, grifo da autora).

Rouge-Ducos (2008) chama novamente a atenção para esclarecer dois detalhes: o primeiro é o de que o “Triunfo” não era o único motivo para a construção dos arcos; ela aponta a vontade de evocar a glória política como substancial para a idealização destes monumentos. É dessa forma que a arquitetura e o estilo sofriam influência e exerciam expressões diferentes em seus planos, em suas elevações e na disposição urbana. Por exemplo, na Roma antiga, a construção de um arco do espetáculo político, ou seja, de uma arte a serviço do Estado, explicava a detalhada riqueza estética do mesmo.

O segundo detalhe é o de que os arcos, mesmo antes de servirem de propaganda militar, tinham uma dimensão religiosa. Isto é, consistiam em um ato de piedade em favor do triunfador. Ocorria que, antes de sair para a batalha, o general militar ordenado formulava votos de sucesso a uma entidade, no caso Júpiter Capitolino. Garantido o sucesso, ele voltava ao Capitólio com o reconhecimento da vitória assegurando, assim, a idealização e construção do arco de função religiosa.

Figura 2: Vista do Arco de Constantino com o Coliseu, em 1742¹.

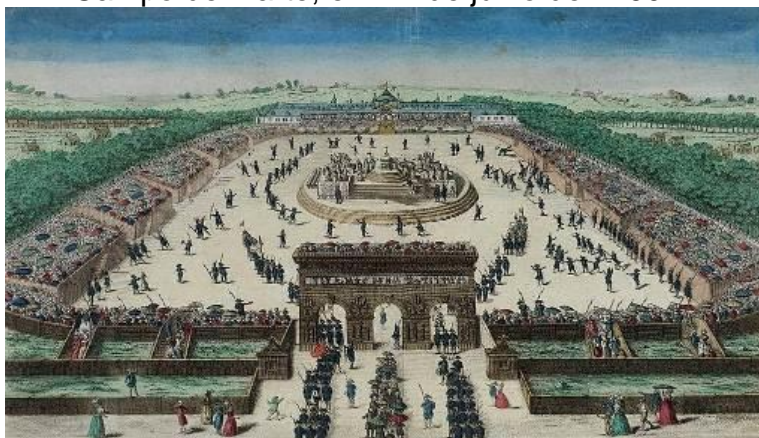


Fonte: http://awesomeartimages.com/Canaletto-The_Arch_of_Constantine_and_Colosseum.

¹ Pintura óleo sobre tela de Giovanni Antonio Canal (Canaletto).

Posteriormente, segundo a autora, os arcos ganham novo reconhecimento, agora servindo de “Porta Honorífica” (Figura 3). Isto significa que essa função estava ligada a casamentos, funerais, cerimônias religiosas e entradas gloriosas de personalidades de destaque no seio urbano. Estas expressavam as novas formas de triunfo. Por exemplo, seu uso estava restrito à passagem obrigatória de um rei ou eclesiástico por sob o arco quando de sua entrada triunfante na cidade. A força simbólica desse tipo de arco forçava os anfitriões às honras de um cerimonial de acolhimento quando da entrada das personalidades na cidade em procissão. De forma oposta aos arcos anteriores, agora o monarca e o eclesiástico são glorificados pelos cidadãos e não mais o ser divino diretamente.

Figura 3: Arco de três aberturas iguais, erigido quando da Festa da Federação no Campo de Marte, em 14 de julho de 1790.²



Fonte: <https://segredosdeparis.com/14-de-julho-festa-nacional-francesa/>

A simbologia do poder esteve muito ligada, em diferentes culturas, à construção de arcos, embora seus estilos e formas variassem, afirma Rouge-Ducos (2008). Um bom exemplo foi o arco idealizado, mas não concretizado, pelo pintor e gravador alemão Albrecht Dürer a mando do imperador Maximilian de Habsbourg. Ao artista foi dada a incumbência de realizar o desenho do arco por meio de uma iconografia emblemática. Ou seja, nele estava inserida a heráldica medieval da família junto à mitologia antiga no sentido de, não somente glorificar a figura do homem, como também a de representar toda a dinastia dos Habsbourg. Inclusive, na fachada central do arco, foi desenhada a árvore genealógica da família (Figura 4).

² Pintura anônima pertencente ao Museu da Revolução Francesa.

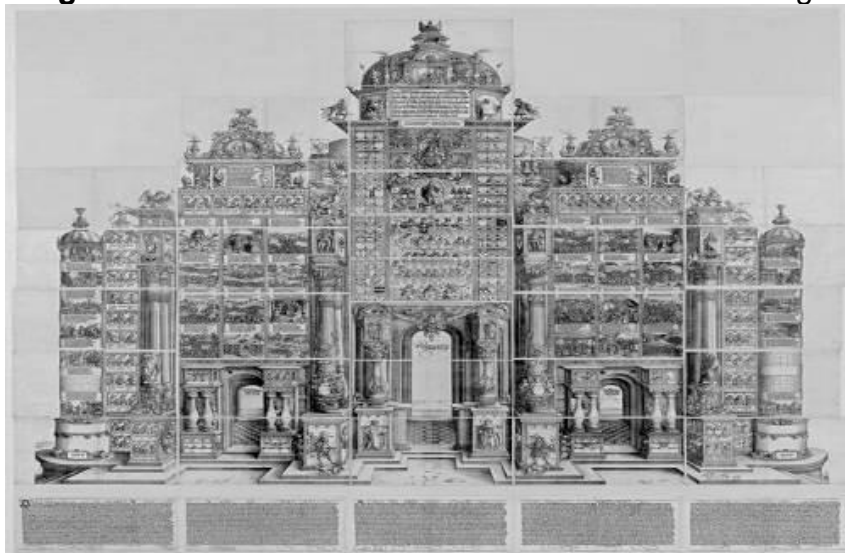
Sabe-se ainda mais que regimes políticos se aproveitaram de arcos já construídos e os reutilizaram com o objetivo de tirar proveito e obter benefícios. Outros poderes, no entanto, construíram monumentos triunfais para fazer oposição a adversários. Por exemplo, a construção de arcos de expressão patriótica em oposição a arcos de concepção nacionalista. De forma a expressar a importância e a força do poder dos que comandavam sua construção, dava-se grande importância ao gigantismo, já que este reforçava a identificação do chefe militar como um semideus.

Rouge-Ducos (2008) acrescenta que, considerando seu conteúdo ideológico, os arcos estão relacionados ao que ela denomina de “objetos de recuperação”, ou seja, tais monumentos estão sujeitos a mudar sua característica original desembocando em outro regime, ou pela exclusão da memória ou pela sua pura e simples destruição.

Na etapa que corresponde ao período contemporâneo, diz a historiadora, os arcos são significados de forma inédita no que se refere à arquitetura triunfal. Para ela, foi uma mudança sem precedentes não somente na França como em outros lugares. Isso ocorreu como efeito das guerras da Revolução e do Império sobre Napoleão. Assim, com a vitória monárquica, a Europa se cobriu de arcos triunfais em estilo neoclássico, cujo objetivo foi o de simbolizar uma “contra-memória” napoleônica, como também o de exaltar o sentimento nacional de cada nação. No entanto, o contraditório, nesse caso, foi o de que o povo não estava simbolizado em sua soberania nestes arcos.

Tem-se o exemplo de Alexandre I, imperador russo, o qual encomendou um arco do triunfo, construído entre 1819 e 1829, na cidade imperial de São Petersburgo, com o objetivo de que ele simbolizasse a vitória de seu país sobre Napoleão.

Outros exemplos que seguem os modelos de expressão monárquica da mesma época, situa Rouge-Ducos (2008), foram os três arcos do triunfo erguidos pelo rei George IV em Londres, bem ao lado do Hyde Park, próximo ao palácio de Buckingham, conhecidos como arcos de Wellington (Figura 5). As simbologias colocadas sobre estes arcos são interessantes. Primeiro, foi a de marcar a derrota de Napoleão pela monarquia inglesa. Segundo, a dimensão muito menor do que aquela dos arcos franceses teve como objetivo lhes fazer oposição, pois a singela monumentalidade dos arcos ingleses mostraria a desmedida monumentalidade dos arcos e do império napoleônico, como também, e na mesma medida, o sacrifício de seu povo.

Figura 4: Arco do Triunfo de Maximilian de Habsbourg.³

Fonte: <https://collections.rothschild.inha.fr/fr/uvres/seleccion-d-oeuvres/toutes-les-oeuvres/l-arc-triompfal-de-maximilien-i.html>.

Já no século XX, período final das pesquisas de Rouge-Ducos (2008/2), os arcos vão estar associados mais sistematicamente a dois aspectos: primeiro, o culto aos mortos e depois ao triunfo da guerra. No primeiro caso surgem as hecatombes da Primeira Guerra Mundial, quando arcos são construídos com o objetivo de homenagear os mortos dessa guerra. Esses arcos seriam o que ela denomina como “o triunfo dos vencedores”. Exemplo clássico seria a tumba que simbolizaria o soldado desconhecido em Paris.

Figura 5: Pintura do Arco de Wellington, Londres-Inglaterra.⁴

Fonte: www.pbslearningmedia.org/resource/xcf276495/view-of-wellington-arch-brit-xcf276495/.

³ Desenho de Albrecht Dürer, Hans Springinklee, Wolf Traut e Albrecht Altdorfer a partir do projeto de Johannes Stabius e Jörk Kölderer. Gravuras de Hieronymus Andreae. Gravura sobre madeira, primeira edição, 1517-1518

⁴ Água tinta de L. A. Atkinson e T. Baxter. Século XIX. Arco projetado por George IV para comemorar vitórias britânicas nas guerras napoleônicas. Coleção privada. Direitos de fotografia do The Bridgeman Art Library.

Vimos até aqui que os arcos urbanos, em geral, são produtos ideológicos de um determinado poder em suas diversas formas e territorializados em lugares representativos e estratégicos das cidades. Evocam a questão da visibilidade espacial, ao serem colocados em cena, ao alcance imediato dos olhos, uma estratégia de geopolítica de visibilidade. Os arcos que transmitem poder religioso estão presentes na paisagem das cidades desde os tempos mais remotos e marcam a necessidade de serem perpetuados como símbolos. Espelham as sociedades e seus produtores.

Denominamos os Arcos como monumentos-símbolos. Mas o que são símbolos na visão de um geógrafo? E o que são símbolos urbanos para esse estudioso do espaço?

O significado de símbolo e símbolo urbano em geografia

Reforçam-se e expandem-se os questionamentos: O que são símbolos no contexto da Geografia? O que são símbolos urbanos? Como e por que se idealizam estes símbolos? Responderemos estas questões à luz da semiótica urbana nas reflexões do geógrafo Jèrôme Monnet (1998; 2000).

As interpretações dos símbolos na análise geográfica de Monnet (1998; 2000), na cidade e no contexto urbano, os consideram atos de inscrição física no espaço. São objetos concretos, territorializados, direcionados em definir sentidos, em oferecer significados pelos diferentes agentes e atores sociais. Monnet concentra-se na materialidade dos símbolos, em sua função semiótica, aposta na sua realidade concreta, na sua condição física, porém indo mais além. Portanto, os símbolos urbanos representam uma realidade concreta e também abstrata. Os símbolos urbanos são detentores de seu próprio lugar, cuja realidade é relativamente independente dos significados que se dão a eles. Para ele, seriam lugares ou coisas no sentido estrito ou genérico os quais comunicam significados coletivos e voluntários. Tanto os símbolos quanto os símbolos urbanos, de forma geral, são “[...] objetos espaciais cuja identificação integra sistemática e voluntariamente uma dimensão significativa para além de uma simples função sinalética” (MONNET, 2000, p. 405), ou um objeto ilustrativo, a exemplo de um signo impresso em uma placa de trânsito. Diferentemente desses signos, surgidos de uma produção cultural não controlada dos sentidos, os símbolos urbanos, dessa forma, dependem de um nível geral para serem considerados significantes; eles adviriam de uma vontade, de um desejo, define o geógrafo.

Se eles dependem de um nível geral para serem significantes, o que simbolizariam adviria do que ele chama de “projeto significativo” dos espaços-símbolos, projeto este

identificável por parte de atores urbanos particulares. O que não acontece, segundo ele, com os signos paisagísticos, pois não há na produção dos mesmos a presença desse projeto significativo. Para Monnet (2000), o exemplo mais claro e evidente deste tipo de projeto é o ordenamento monumental de um espaço. Isto é, trata-se do ordenamento ou investimento simbólico a partir da idealização e construção de monumentos, ou seja, de objetos como estátuas, mausoléus, arcos do triunfo ou semelhantes, que servem para simbolizar o poder de uma autoridade, seja ela econômica, midiática, política ou religiosa.

Monnet (2000) chama a atenção no sentido de esclarecer que nem sempre os símbolos nascem de um projeto significativo, fruto de um projeto significativo. Eles podem nascer também por intermédio dos signos os quais, pelo fato de sua utilização recorrente como tal e de seus atores identificáveis, venham a se tornar símbolos. Ele traz o exemplo dos arranha-céus de Manhattan, os quais não foram produtos de um projeto significativo, porém se tornaram símbolos perfis típicos da cidade americana e do triunfo do capitalismo financeiro, justamente pelo fato de sua utilização como tal e pelos atores neles envolvidos.

O Arco Nossa Senhora de Fátima é um pleno exemplo do significado de símbolo e símbolo urbano proposto por Monnet (1998; 2000). É parte de um projeto significativo desde a origem. O Arco sobralense é um monumento idealizado e construído para celebrar um evento histórico local de origem e abrangência global e manter na memória simbologias tanto religiosas quanto políticas.

Adentremos, no próximo tópico, nos eventos históricos e territoriais os quais marcam a existência do Arco de Nossa Senhora de Fátima como patrimônio e monumento-símbolo por excelência da cidade de Sobral.

Nascimento, triunfo e decadência do Arco Nossa Senhora de Fátima

A ideia de construção do Arco sobralense remonta à peregrinação mundial da imagem de Nossa Senhora de Fátima de Portugal logo após a Segunda Guerra Mundial (1945). Peregrinação cujo objetivo, em primeiro momento, foi o de que a imagem visitasse todas as cidades episcopais da Europa e as suas capitais, chegando até às fronteiras russas. No ano de 1946 retoma-se a ideia de peregrinação da imagem durante o Conselho Internacional da Juventude Católica Feminina (IGREJA, 2020). Um ano após, em 13 de maio de 1947, saindo da Cova de Iria quando da coroação pelo bispo de Leiria, Portugal, a imagem seguiu sua primeira viagem.

Durante dois anos o projeto dos párcos de Berlim passou de repartição em repartição. Finalmente, foi o plano de um jovem religioso belga, padre Demontiez O.M.I., que tomou corpo: em 13 de maio de 1947, uma imagem de Nossa Senhora de Fátima partiu da Cova da Iria, para ir presidir o Congresso Marial de Maastricht, dos Países Baixos, e começou a viagem através das fronteiras da Europa e do mundo inteiro. Ninguém poderia ter imaginado o formidável movimento de oração, de penitência, de conversões e maravilhas de toda espécie que a Virgem Maria provocaria à sua passagem. (LEGRAND, 2005, p. 159).

Com o processo histórico de emigração/imigração portuguesa para o Brasil com destaque para membros da Companhia de Jesus, principalmente para Recife, no estado de Pernambuco, ocorre nessa cidade a construção do primeiro símbolo, ou ordenamento simbólico, dedicado a Nossa Senhora de Fátima no mundo, antecedendo até mesmo o Santuário de Fátima em Portugal. A Companhia de Jesus inaugurou em 1917 o Colégio Nóbrega e, a ele associado posteriormente, em 1935, o santuário de Nossa Senhora de Fátima foi inaugurado (MOURA, 2016).

Por conseguinte, a imagem peregrina chega ao Ceará por sua capital, Fortaleza, no dia 9 de outubro de 1952, ficando até o dia 16 do mesmo mês. Os registros dão conta de que foi um dos mais espetaculares momentos religiosos experimentados por todos os cearenses, não se diferenciando das peregrinações ocorridas mundo afora (Figura 6).

Após percorrer vários países da Europa, e alguns estados do Brasil, a imagem peregrina chega a Fortaleza. Era o dia 09 de outubro de 1952. A recepção foi a maior até hoje havida em terras cearenses. Nem os políticos mais populares, nem os heróis das muitas revoluções brasileiras, conheceram tal ardor cívico partindo do seio da massa, sedenta da mensagem divina. Faixas, ruas enfeitadas, bandeirinhas aos milhares tremulando ao vento, casas ornamentadas com flores, para saudar a Rainha do Céu, no seu trajeto... Um espetáculo inesquecível (IGREJA, 2020, p. 1).

Essa repercussão da presença de Nossa Senhora de Fátima em solo cearense foi tão significativa que, mesmo antes de seu retorno em 1953, foi idealizado e construído um santuário para homenageá-la, o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, localizado em bairro de mesmo nome em Fortaleza, cuja pedra fundamental foi assentada em 28 de dezembro de 1952, passando à categoria de paróquia em 14 de setembro de 1955.

No Ceará, como um todo, portanto, espalhava-se a criação de símbolos religiosos puros, ordenamentos monumentais ideais de “projetos significantes” desde sua origem em homenagem à peregrina imagem de Nossa Senhora de Fátima (Figura 6). Ou seja, ocorreram investimentos simbólicos em forma de santuários e arcos atrelados à simbologia e ao imaginário ligados à Igreja Católica como um todo e à Nossa Senhora de Fátima, em particular.

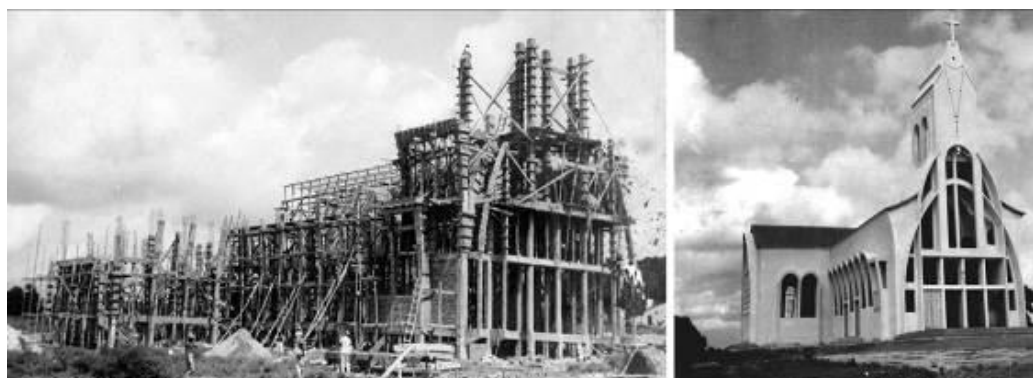
Figura 6: Registros da passagem triunfal de N. S. de Fátima pela região do Cariri em 1953.



Fotos: Renato Casimiro a partir do Blog Portal de Juazeiro. Disponível em: <http://www.portaldejuazeiro.com/2010/10/nossa-senhora-de-fatima.html>

Essa ideia de ordenamentos simbólicos como parte de projetos significantes proliferou-se de forma vertiginosa pelo Ceará, especialmente pelas cidades por onde a imagem também peregrinaria e ficaria por algum tempo. A cidade de Sobral entra nesse contexto tanto pelo poder representativo de sua elite econômica e, principalmente, quanto pelo grande poder que exercia na cidade a Igreja Católica através de seu primeiro bispo, José Tupinambá da Frota. Especificamente o projeto significativo voluntário, intencional e com seus autores definidos, desenhado para Sobral, sobremaneira se sobressairia, diferenciando-se arquitetonicamente do projeto de Fortaleza com a idealização e a construção do Monumento Arco (Figura 7) - e não de um templo - mesclando simbolicamente “triumfo” e “porta honorífica”, características comuns dos arcos delineados anteriormente.

Figura 7: Santuário N. S. de Fátima em construção e finalizada nos meados da década de 1950. Projeto e ordenamento significativo de um espaço símbolo



Fonte: <http://blogsantuariodefátima.blogspot.com/p/historia-do-santuario.html>. Foto à esquerda pertencente ao banco de imagens do Arquivo Nirez.

A idealização do Arco Nossa Senhora de Fátima partiu do sobralense considerado pela população local o mais ilustre e o grande benfeitor da cidade, Dom José Tupinambá da Frota (SANTOS; ARAÚJO; GALVÃO, 2015). Como Representante-Mor eclesial, Dom José foi, com a vinda da santa e construção do Arco, o principal ator e articulador do processo de romanização do catolicismo em Sobral, com abrangência em toda região Norte. Estava ligado à elite política da cidade e do Estado, o que lhe propiciou construir inúmeras obras de relevâncias social e cultural.

Figura 8: Frontal e lateral do Arco após sua construção na Avenida *Boulevard* Pedro II.

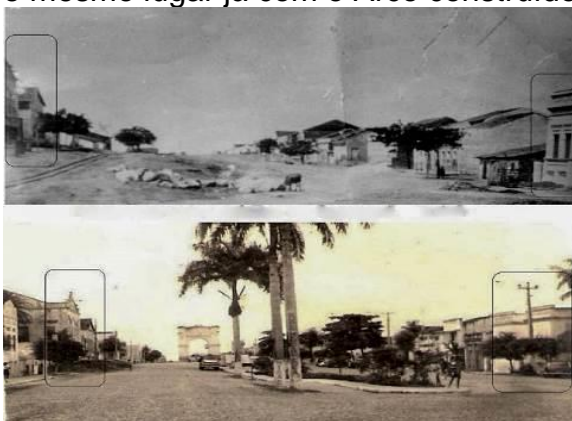


Fonte: Foto à esquerda IBGE: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/historico>>. Foto à direita banco de imagens de Joscel Vasconcelos a partir do blog Sobral 24 horas: < https://www.sobral24horas.com/2016/11/sobral-antiga_13.html>.

Dom José solicitou ao prefeito Antônio Frota Cavalcante, cuja administração ocorreu entre os anos de 1951 a 1954, sua construção. O projeto do Arco foi desenhado pelo engenheiro-arquiteto Falb Rangel e executado por Francisco Frutuoso do Vale (BRASIL, 2020). O Arco foi inaugurado ainda sem acabamento final no dia 1º de novembro de 1953, quando da passagem triunfal de Nossa Senhora pela cidade.

A ideia de lugar simbólico de significado cristão onde se idealizou o ordenamento monumental para o projeto significativo do Arco é anterior à construção do mesmo. No mesmo lugar onde hoje ele se encontra, estrategicamente na entrada da cidade, existia a “Cruz das Almas” (Figura 9), cruzeiro erguido pelo missionário Frei Vidal da Penha quando este também peregrinou por Sobral no final do século XVIII (1797). A Cruz das Almas era um símbolo da fé cristã, obra das missões, e foram construídas outras por onde ele passou. Foi demolida em 1929 a mando do prefeito José Jácome de Oliveira (1916-1920/1928-1930). Neste sentido, o Arco substituiu e remarcou um território já sagrado por onde o triunfo, espelhado na imagem de Nossa Senhora, deveria transpor.

Figura 9: Na foto superior, lugar onde existia a Cruz das Almas. Na foto inferior, o mesmo lugar já com o Arco construído.



Fonte: Banco de imagens de Joscel Vasconcelos a partir do Blog Sobral 24 horas.
<https://www.sobral24horas.com/2016/04/sobral-antiga_8.html>.

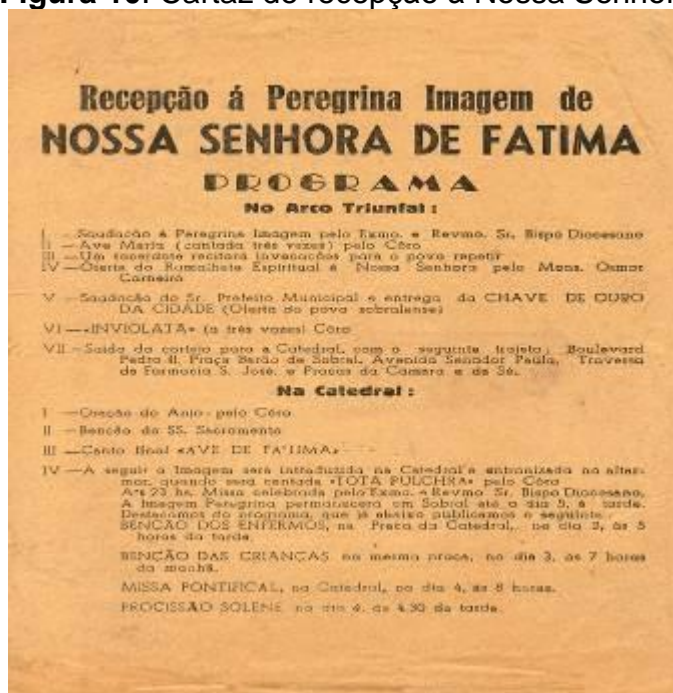
O Arco foi construído em ponto estratégico no sentido de se sedimentar sua territorialidade; sua localização foi planejada para servir como entrada triunfal de Nossa Senhora, como demonstra o cartaz de recepção da peregrina à época, daí o sentido de designarmos como “Arco do Triunfo”, pois foi destinado a manifestar o triunfo da Igreja Católica romanizada na cidade. Foi parte de um grande e importante momento, uma espécie de ritual mágico a enaltecer a vida religiosa da cidade, umas das mais representativas no cenário cristão católico cearense. Foi o carimbo que faltava para a Igreja Católica Romana exercer sua soberania. Nossa Senhora de Fátima foi o dispositivo triunfal para fortificar o culto à Mãe de Jesus, pois a padroeira da cidade já era Nossa Senhora da Conceição. Foi da mesma forma, “porta honorífica”, dado o fato de que, quando de sua chegada, ela deveria transpor o portal monumento (ROCHA, 2003) carregando consigo todo seu poder simbólico.

O ritual de passagem de Nossa Senhora de Fátima por Sobral e pelo “Arco Triunfal” foi demais representativo, pois mereceu registro público das autoridades políticas locais, como reconhecimento. Uma intensiva programação foi anunciada tanto no Arco quanto na Igreja Matriz (Figura 10).

É evidente que o Arco não estava carregado somente de simbolismo religioso; agregado a este estava o simbolismo político. Um monumento de volume, forma, arquitetura e estéticas tão diferentes do contexto de seu entorno correspondia à explícita vontade de demonstrar a opulência econômica e cultural há muito enraizada no imaginário da cidade. Como também a de enaltecer a imagem pública a qual a Igreja estava intimamente ligada. O Arco sobralense destacou-se como “[...] monumento representativo de uma mentalidade da glamourosa sociedade em declínio...” (ROCHA,

2003, p. 209). O enaltecimento político do Arco, muito decantado como réplica do Arco do Triunfo de Paris, contextualiza sua territorialidade geográfica na cidade como poder econômico e cultural dessa “sociedade glamourosa” pelo fato de que, na época, o lugar onde foi construído tinha recebido o epíteto de *Boulevard*, mais precisamente *Boulevard Pedro II*, em alusão aos *Boulevards* parisienses. O gigantismo do monumento teria que ser equivalente não somente em relação à importância religiosa da ocasião, teria que ser equivalente, do mesmo modo, ao *status* da administração política, econômica e cultural da época.

Figura 10: Cartaz de recepção à Nossa Senhora



Fonte: José Alberto Dias Lopes. Cedido por Herbert Rocha.

O Arco, a partir da passagem de Nossa Senhora de Fátima pela cidade, se transformou rapidamente em um dos seus principais símbolos. Contudo, com o passar do tempo, começou a cair em desuso e alguns conflitos apareceram. Relatos não oficiais contam que no período administrativo do prefeito Jerônimo Prado (1967-1970), por exemplo, um grupo de moradores, desgostosos da precariedade em que se encontrava, dirigiu-se ao prefeito com a ideia de que ele deveria ser demolido. As razões seriam as de que estaria servindo de lugar onde pessoas iam praticar atos os quais maculavam a dignidade do local e a questão da insalubridade. Reporta-se que o prefeito Jerônimo Prado negou tal pedido e direcionou esse grupo ao bispo da época, Dom Walfrido Teixeira Vieira, argumentando que se ele autorizasse, demoliria o monumento. A

autorização foi concedida por Dom Walfrido, no entanto, com uma condição: era preciso arranjar outro lugar para a imagem. Nossa Senhora deveria ser alocada então no topo do Arco. Sem a consecução de tal exigência, a demolição ficou esquecida.

A partir de então, observa-se um vácuo referente ao monumento até os meados da década de 1990 quando, em 1995, na administração do prefeito Aldenor Façanha Júnior (1994-1996), ele é tombado em nível local através da Lei N. 019/95-AFJ, (SOBRAL, 1995) reconhecendo e recuperando assim seu valor histórico e simbólico. Mesmo assim todo o seu simbolismo religioso e histórico foi perdendo gradualmente a força, e o símbolo foi se assemelhando a uma sinalética urbana cuja função é a de significar os imperativos da circulação, ou seja, uma marca de orientação espacial, um portal de entrada, um objeto exclusivamente funcional. Tanto é que ele é lembrado até os dias atuais mais como uma réplica arquitetônica e simbólica do Arco do Triunfo de Paris do que mesmo um símbolo marcante e ímpar da história religiosa local e regional.

A partir de 1999, quando o Centro Histórico da cidade ganhou o status de patrimônio nacional oficializado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, um novo direcionamento ao Arco é atrelado. Ele passa, a partir de então, conjuntamente a seu entorno, a comandar uma centralidade simbólica. É o que refletiremos a partir de agora.

Reinvenção, retorno e triunfo do Arco Nossa Senhora de Fátima como centralidade simbólica

Primeiro é preciso afirmar que um patrimônio é fator de pertencimento de um território, postulando que a “[...] identificação de um grupo a um território se expressa essencialmente através dos elementos patrimoniais colocados sobre o território”. (GRAVARIS-BARBAS, 1995, p. 4). Dito desta forma, cabe aqui novamente questionar: de que maneira entender um patrimônio como centralidade simbólica, ou seja, como entender o Arco Nossa Senhora de Fátima sendo patrimônio urbano pertencente a um território urbano específico e identificado por um grupo comporta-se como tal a ponto de se tornar uma centralidade de cunho simbólico? Jèrôme Monnet (2000) novamente nos fornece o direcionamento para a resposta.

Para ele “[...] pode-se falar de centralidade simbólica, na medida em que os atores geográficos hierarquizam os lugares uns em relação aos outros em função de sua importância simbólica” (MONNET, 2000, p. 407). Neste contexto, ele aponta algumas escalas de medida no sentido de caracterizar a centralidade atribuída. Primeiro, a

importância de um símbolo pode ser medida em relação ao que é simbolizado na escala de valores em função da qual um ator geográfico opera a simbolização. Segundo, são consideradas as questões de estatura ou detalhes do símbolo. Por exemplo, uma visibilidade maior envolvendo volume, elevação e perspectiva pode resultar em dar mais importância ao símbolo. Aliando-se a sua idade aparente pode-se definir uma centralidade. Terceiro, o número de coisas simbolizadas pode torná-lo central, ou seja, um objeto espacial que simboliza diversas coisas pode conferir uma centralidade. E quarto, a concentração de um número expressivo de símbolos em um mesmo lugar pode ser também um fator de centralidade.

A partir de 1999, o Centro Histórico de Sobral passou à categoria oficial patrimônio nacional. Desde então se iniciaram as políticas de proteção que se tornaram instrumentos privilegiados de gestão urbana. Tombar o patrimônio para reavivar e revalorizar, reordenar o espaço urbano para centralizar fazem parte do contexto das políticas de ordenamento da “cidade patrimônio nacional - Sobral”. Vemos, dessa forma, a mais atual reapropriação simbólica do monumento. Se na primeira fase ocorreu o reordenamento do sagrado com a construção do Arco e na segunda o patrimônio é tombado, nesta última fase temos a requalificação do mesmo território direcionado a ressignificá-lo:

No traçado do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Sobral, encontram-se aproximadamente 2.500 imóveis distribuídos pelo Sítio Histórico tombado e seu entorno. Os bens inseridos no entorno são considerados como área de proteção, que compreende a maior parte do conjunto. A regulação do IPHAN sobre os imóveis é menos rígida que no Sítio Histórico. Em toda a área do entorno, o único bem tombado é o Arco de Nossa Senhora de Fátima, localizado na Av. Dr. Guarany, situado no centro do Boulevard, construído para valorização do referido monumento (FERREIRA, 2013, p. 143).

Se nas fases anteriores o Arco não é apontado como uma realidade centralizante, a citação acima nos permite demonstrar o direcionamento à centralização simbólica, pois somente o tombamento local não foi o bastante. O reordenamento espacial foi fator preponderante para sua revalorização (Figura 11).

Figura 11: Visão aérea do reordenamento urbano do Boulevard do Arco reinaugurado em 21 de dezembro de 2004.



Fonte: Foto de André Adeodato. Fonte: <https://sobralonline.com.br/sobral/>

Mas o tombamento municipal é representativo porque, a partir dele, o monumento foi reconhecido, e assegurada sua presença no espaço urbano, ele recebeu uma importância maior por parte dos gestores urbanos, uma vez que foi considerado um dos símbolos em condições de ser tombado e, posteriormente, inserido nos arredores da área de proteção do Sítio Histórico principal, exercendo uma hierarquia. É neste sentido que Monnet (2000, p. 408) argumenta: “A centralidade simbólica estabelece uma relação entre concentração, raridade e sacralização, o que expressa o termo hierarquização [...]” para complementar:

Na ordem do simbólico, como para outros tipos de centralidade (...) a hierarquização é um princípio geográfico elementar: ela determina um espaço seu ou seus centros e suas periferias, ela regula a importância dos lugares uns em relação aos outros. Quando atores geográficos criam símbolos, convertendo-os em objetos espaciais preexistentes ou aumentando a importância simbólica de determinados lugares, eles contribuem para a hierarquização dos espaços sobre os quais intervêm (MONNET, 2000, p. 408).

O Arco passou de uma intencionalidade religiosa primeira para ser uma centralidade propriamente simbólica por intermédio de sua recuperação estética e com o reordenamento urbano de sua área de entorno finalizado no ano de 2004 (Figura 12).

Figura 12: Detalhe monumental e estético do Arco em 2016



Fonte: Acervo dos autores. Foto: R. F. Aragão, 2016.

Com isso, sua simbologia e representações foram renovadas ou reatualizadas. Ele passou a simbolizar um espaço maior dentro de uma demarcação menor a partir de sua posição estratégica em área de tombamento. Apesar de estar em um espaço tecnicamente demarcado, renovaram-se suas representações como monumento-símbolo oficial que de início era de uma cidade inteira, e, por extensão, passou para o país inteiro, pois está dentro dos limites de um projeto de alcance nacional. Simboliza um guardião protetor solitário do tombamento principal, ou seja, o Centro Histórico.

Somada a esta hierarquização do símbolo-monumento temos outra: o seu tratamento privilegiado. Um lugar simbólico, afirma Monnet (2000), recebe tratamento diferenciado em relação a outros territórios urbanos. Isso está relacionado à qualidade, ao estilo e ao contexto histórico da edificação ou ao ordenamento para sua proteção jurídica e aos cuidados que lhe são direcionados. Há também a importância que os produtores do espaço urbano dão ao símbolo espacial, os quais se esmeram em oferecer cuidados especiais, tanto em procurar arquitetos mais ou menos célebres, como oferecer materiais mais ou menos nobres na condução de sua recuperação e no entorno.

O tratamento dado à reforma urbana onde se encontram o Arco e seu entorno tornou-se primordial à sua centralidade:

A Prefeitura Municipal de Sobral, através da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente e Secretaria de Desenvolvimento da Infraestrutura, realiza amanhã, 21 de dezembro de 2004, a inauguração do Boulevard do Arco, com o grande show [...] no Arco de Nossa Senhora de Fátima. O Boulevard do Arco é uma obra de qualificação urbana [...]. Toda a área está sendo trabalhada com materiais nobres e de especificações especiais, constando de canteiro central ampliado, com pavimentação em granito e piso tátil próprio para cegos, além de ciclofaixa, priorizando o usuário pedestre e ciclista. As calçadas laterais serão completamente refeitas com acabamento em concreto especial pigmentado e faixas de jardinagem, incluindo arborização específica. O trecho próximo ao Arco Nossa Senhora de Fátima continuará, prioritariamente, uma

praça cívica própria para eventos, [...]. O trecho entre as ruas Paulo Aragão e Maria Tomásia será totalmente arborizado para uma boa qualidade ambiental. Também nessa área será construído um pequeno palco para shows e apresentações artísticas. Como a prioridade deverá ser o pedestre, as faixas de tráfego serão estreitadas para possibilitar um trânsito mais lento e contemplativo [...] (SOBRAL, 2004, p. 1).

Todo esse posicionamento é feito a partir da recuperação do nome inicial, de representações pomposas, do lugar denominado *Boulevard*, do acúmulo de prioridades, muitas vezes distantes de outros territórios com simbolismos inexistentes ou em menor grau e atribuições de novos usos. É nesse contexto que se explicita a centralidade simbólica do Arco e sua extensão, o *Boulevard* (Figura 13).

O reordenamento do Arco e seu entorno tendo como justificativa o tombamento de um Centro Histórico são considerados projetos urbanos contemporâneos, tornaram-se uma oportunidade de redefinição simbólica do espaço citadino. Ajustam-se a esses espaços novos e antigos referenciais cognitivos com o objetivo de mostrar ambições inéditas por parte dos órgãos públicos no que se refere à qualidade urbana. A inserção de novos usos e comportamentos a lugares requalificados reforça as reflexões sobre centralidades simbólicas, principalmente quando estes apresentam um forte fator comunicacional religioso/político do simbolismo encravado no Arco Nossa Senhora de Fátima.

Figura 13: O “triunfo” da centralidade simbólica Arco-*Boulevard* através do espetáculo iluminático



Fonte: Pedro Cavalcante, dezembro de 2008.

O Arco Nossa Senhora de Fátima faz parte da identidade religiosa local, faz parte também do simbolismo patrimonial institucional. Estes detalhes foram percebidos e considerados importantes ao ponto de fornecerem um papel decisivo nas políticas simbólicas das administrações e traduzidos como fundamentais na reformulação da imagem da cidade para os moradores locais e visitantes, principalmente para o mercado;

afinal “a cidade patrimônio nacional” foi inserida nos projetos urbanos contemporâneos e mercadológicos de escala global.

Nestes termos do ordenamento, o Arco entra em acordo com a semiótica urbana estudada por Monnet (2006), quando explora o que chama de “geopolítica da visibilidade” a qual formula o argumento de que o sucesso da simbologia de objetos urbanos é dependente de sua iconografia, ou seja, para se tornar visível ela depende da eficácia do sistema de comunicação destes objetos desembocando em sua iconização. Ele explora a seguinte hipótese: há uma “[...] interação dinâmica entre a produção social dos lugares (a territorialização), de seus significados (a simbolização) e de seus ícones (a iconização), considerando que a gestão do espaço concreto quanto de suas representações é um instrumento de expressão e de controle das relações humanas” (MONNET, 2006, pp. 1-2).

Desde a idealização e construção do Arco até o reordenamento atual, os produtores urbanos e cidadãos sobralenses vêm utilizando representações da iconografia global associando-as a este fenômeno local - *Boulevard* Pedro II; Arco do Triunfo; *Boulevard* do Arco; *Broadway* (FREITAS, 2005) -. Nesta etapa, o Arco como ícone tem sua eficácia simbólica representada e reforçada pela disseminação massiva de sua imagem pelos diferentes meios, sobretudo pelas diferentes redes comunicacionais da internet. Essa disseminação está transformando-o em um dos mais visíveis símbolos da geopolítica urbana do estado do Ceará. A centralidade simbólica Arco consolida-se de forma mais rápida e eficiente com o apoio das diferentes mídias virtuais as quais transmitem, do local ao global, a imagem desse importante monumento urbano.

Considerações finais

O Arco de Nossa Senhora de Fátima ainda conserva seu valor simbólico e social apesar das suas diversas formas de apropriação e conflitos delas provenientes. Mesmo se tivesse sido tombado em nível mais visível, ou seja, se tivesse entrado no rol do sítio principal como patrimônio nacional, isso não significaria que sua simbologia para com os moradores seria mais elevada. Esse valor sentimental é comum somente aos valores locais, aí se pode falar de um tombamento afetivo ou ordenamento afetivo do símbolo.

O Arco e seu entorno atualmente materializam as reformas administrativas urbanas no sentido de embelezar um segmento espacial e territorial da cidade, cujo epicentro é o Centro Histórico antigo demarcado. Apesar de patrimônio tombado em nível

local, o Arco foi favorecido e favoreceu diretamente. Duarte Júnior (2012, p.428) explorando a experiência de preservação do patrimônio urbano de Sobral, avaliando a cidade como “monumento”, “documento”, “empreendimento” e “instrumento”, define a cidade como um caso exitoso na área do patrimônio cultural até em nível internacional. Para ele, Sobral “... foi transformada em case político, administrativo e financeiro, atraindo os olhares interessados de gestores e investidores dos mais diversos níveis...”.

Os diversos usos, para além do residencial, como lazer, comércio, turismo e serviços espalhados pelo *Boulevard* do Arco atualmente, talvez possam ser explicados pelo argumento de Duarte Júnior (2012) de um caso exitoso, político, administrativo e financeiro. O certo é que se produziu uma centralidade simbólica cuja figura principal, o Arco religioso, é o eixo central, transformado em ícone centrípeto, pois atrai para si olhares como monumento turístico arquitetônico. E ícone centrífugo, pois espalha a partir de e em volta de si investimentos múltiplos em diferentes áreas. Hoje o Arco Nossa Senhora de Fátima e sua extensão, o *Boulevard*, se complementam.

Como nos lembra muito bem Rouge-Ducos (2008/2), os arcos, independente da época, são idealmente elaborados, concebidos ou reapropriados para obedecerem a intencionalidades bem definidas. O poder, seja ele econômico, político ou religioso, é vetor definidor de sentidos. A centralidade simbólica atualmente elaborada comporta essas categorias de poder. É uma convergência de interesses econômicos, políticos e religiosos em diversos segmentos, pois servem como forças orientadoras para os diversos atores urbanos alcançarem objetivos almejados⁵.

Referências

BRASIL. **Avenida Doutor Guarany**: Arco de Nossa Senhora de Fátima: Sobral (CE). Banco de imagens da Biblioteca virtual do IBGE. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=437050>>. Brasil, 19... Acesso em: 24 jan. 2018.

BRASIL. **Panorama**. Biblioteca virtual do IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/panorama>>. Acesso em: 01 de março de 2020.

BRASIL. **Catálogo**. Biblioteca virtual do IBGE. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=437050&view=detalhes>>. Acesso em: 07 de março de 2020.

⁵ Agradecimentos ao arquiteto Herbert Rocha, por ceder importantes documentações referentes ao cartaz de inauguração do Arco e ao documento comprobatório de seu tombamento, essenciais à compreensão e finalização do artigo.

CARVALHO, Vânia Maria Faria Floriano de. **As atualizações sociais da memória nos arcos triunfais de Tito, Septímio Severo e Constantino.** II Seminário de Pesquisa em Pós-Graduação em História da UFG/UCG. Goiás-Goiânia, 14, 15 e 16 de Setembro de 2009, praça universitária-Área II. P. 1-30. Disponível em: < https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09_VaniaMariadeCarvalho.pdf >. Acesso em: 1º de março de 2020.

CARVALHO, Vânia Maria Faria Floriano de. Entre linhas e superfícies, o poder e a memória nos arcos triunfais na Roma imperial. 185f. Dissertação (mestrado) do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Goiás. Goiânia, 2010. Disponível em: < https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/Disserta_ao_V_nia.pdf >. Acesso em: 03 de março de 2020.

CAVALCANTE, Tiago Viera. **A casa da mãe de deus comporta o (outro) mundo:** dinâmicas geográficas no Santuário de Fátima em Fortaleza – CE. . 160f. Dissertação (mestrado) do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011. Disponível em: < <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/9034?mode=full> >. Acesso em: 02 de março de 2020.

DUARTE JÚNIOR, Romeu. **Sítios Históricos Brasileiros:** Monumento, Documento, Empreendimento e Instrumento. 460 f. 2012. Tese (doutorado) da Universidade de São Paulo – USP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-08032013-154435/publico/tese_romeu_original.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2017.

FERREIRA, Diocleide Lima. **A (re)invenção de uma cidade: Cid Marketing e a requalificação urbana em Sobral-Ce.** 2013. 316 f. Tese (doutorado) da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2013. Disponível em: < http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/280988/1/Ferreira_DiocleideLima_D.pdf >. Acesso em: 13 nov. 2017.

FREITAS, Nilson Almino de. **O sabor de uma cidade:** práticas cotidianas dos habitantes de Sobral. 2005. 297 f. Tese (doutorado) Universidade Federal do Ceará – UFC – Departamento de Ciências Sociais e Filosofia. Fortaleza, 2005. Disponível em: < <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/1529> >. Acesso em: 13 nov. 2017.

GRAVARI-BARBAS, Maria. Le "sang" et le "sol": Le patrimoine, facteur d'appartenance à un territoire urbain. **Le territoire, lien ou frontière ?** Paris, 2-4 octobre 1995. pp. 1-9. Disponível em: < horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins.../010014865-69.pdf >. Acesso em: 27 de maio de 2010.

IGREJA de Nossa Senhora de Fátima. **Blogspot Santuário de Fátima.** Fortaleza. Disponível em: < <http://blogsantuariodefatima.blogspot.com/p/historia-do-santuario.html> >. Acesso em 05 de março de 2020.

LEGRAND. Phillipe. Fatima face à Assise ou les merveilles de la route mondiale. In: **Le Sel de la Terra**, Nº 53, 2005. P. 157-165. Disponível em: <<http://www.dominicainsaville.fr/le-sel-de-la-terre-n53/>>. Acesso em 07 de março de 2020.

MONNET, Jérôme. La symbolique des lieux : pour une géographie des relations entre espace, pouvoir et identité. In : **Cybergeo**, Politique, Culture, Représentations, article 56, mis en ligne le 07 avril 1998. P. 399-418. Disponível em : <<http://cybergeo.revues.org/pdf/5316> >. Acesso em: 6 de nov. 2008.

MONNET, Jérôme. Les dimensions symbolique de la centralité. In: **Cahiers de Géographie du Québec** • Volume 44, n° 123, dez. 2000 • p. 399-418. Disponível em: <http://www.cgg.ulaval.ca/textes/vol_44/no_123/07-Monnet_Dimensions.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2008.

MONNET, Jérôme. Geopolitique de la visibilité: les icônes urbaines contemporaines _a Mexico. ETHINGTON, Philip J. & SCHWARTZ, Vanessa R (eds.), **Atlas of Urban Icons: Studies in Urban Visual History. Multimedia Companion to Special Issue of Urban History**, May 2006, vol. 33, N1, Cambridge University Press, 2006, 23 p. Disponível em: < <https://hal.archives-ouvertes.fr/halshs-00107065/document> >. Acesso em: 28 jan. 2018.

MOURA, Carlos André da Silva de. “Não tenhas medo”: a formação de uma cultura visionária em Portugal e as suas práticas e representações no Brasil (1917-1940). In: **Topoi** (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 561-585, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2016000200561>. Acesso em 10 de março de 2020. doi.org/10.1590/2237-101x017033011.

ROCHA, Herbert. **O lado esquerdo do rio**. São Paulo: Hucitec. 2003.

ROUGE-DUCOS. Isabelle, « **Les arcs de triomphe de l'Antiquité au XXe siècle**. Essai sur la postérité artistique et idéologique du monument triomphal », *Sociétés & Représentations*, 2008/2 (n° 26), p. 183-195. DOI : 10.3917/sr.026.0183. URL : <https://www.cairn.info/revue-societes-et-representations-2008-2-page-183.htm>.

SANTOS, Lídia Noêmia dos; ARAÚJO, Nicolai V. G. de; GALVÃO, Roberto. **Construindo Sobral**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015.

SOBRAL. Prefeitura Municipal de Sobral. **Lei N. 019/95-AFJ**. Dispõe sobre o tombamento e preservação do patrimônio cultural, histórico, artístico e paisagístico localizado no território do município de Sobral. Sobral, 07 de agosto de 1995.

SOBRAL. Prefeitura Municipal de Sobral. **Sobral Patrimônio Nacional**. Junho de 2000.

SOBRAL. **Prefeitura inaugura grande obra ao som de Limão com Mel**. Boletim do Jornal Municipal, 20 de dezembro de 2004, ano IV, N° 236. Disponível em: < http://www.sobral.ce.gov.br/boletim/2004/b_dezembro2004/20.htm >. Acesso em: 15 jan. 2018.

Raimundo Freitas Aragão

Professor, doutor e pós-doutor em Geografia pela Universidade Federal do Ceará – UFC.

Currículo Lattes:

Marcos da Silva Rocha

Professor, doutorando e mestre em Geografia pela Universidade Federal do Ceará – UFC.

Currículo Lattes:

Artigo recebido em: 14 de maio de 2021.

Artigo aprovado em: 08 de agosto de 2021.